

O filme *A cor púrpura* e sua utilização na educação

Walace Rodrigues¹
Jane Guimarães Sousa²
Laira de Cássia Barros Ferreira Maldaner³
Haleks Marques Silva⁴
Marcela Pereira Lima Arcanjo⁵
Michol Malia Miller⁶
José Rogério Silva Tenório Neri⁷
Maria do Socorro Félix Bezerra⁸
Raquel Torquato Rodrigues de Azevedo⁹

*Educação nunca foi despesa.
Sempre foi investimento com retorno garantido.*
(Sir Arthur Lewis)

Resumo:

Este artigo nasce das reflexões a partir do uso do filme *A cor púrpura* no ensino superior. Tal experiência ocorreu na disciplina de “Tópicos I: Ensino e Valorização da Diversidade”, do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL) da Universidade Federal do Tocantins - UFT. Este escrito partiu das observações de todos os estudantes da referida disciplina e objetivou refletir sobre questões étnico-raciais e de gênero numa perspectiva humanista. A metodologia aqui utilizada foi a análise do referido filme em relação

1 Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins – UFT, campus de Araguaína. Doutor em Humanidades pela Universiteit Leiden (Países Baixos). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL-UFT). E-mail: walacewalace@hotmail.com

2 Professora da UNITINS e FACIT. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL-UFT). E-mail: jainegs@yahoo.com.br

3 Professora da CESBA/UEMA. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL-UFT). E-mail: laira_de_cassia@yahoo.com.br

4 Professor da FACDO, Araguaína. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL-UFT). E-mail: halekshms@hotmail.com

5 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Território (PPGCult-UFT). E-mail: marcelalima@uft.edu.br

6 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL-UFT). E-mail: michol.m.miller@gmail.com

7 Aluno especial de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL-UFT). E-mail: joserogério.sil@gmail.com

8 Aluna especial de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL-UFT). E-mail: fatfb@hotmail.com

9 Professora do ITPAC, Araguaína. Aluna especial de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL-UFT). E-mail: raquelazevedo@itpac.br

à bibliografia estudada. Os resultados demonstram a riqueza dos filmes enquanto mecanismos geradores de pensamentos críticos para a educação superior.

Palavras-chave: Ensino; Educação superior; Cinema; Questões étnico-raciais.

Abstract:

This article is born from the observations from the use of the film *The color purple* in higher education. This experience occurred in the discipline named "Topics I: Teaching and Valuing Diversity", of the Postgraduate Program in Teaching Language and Literature (PPGL) of the Federal University of Tocantins - UFT. This paper was based on the observations of all the students of this discipline and it aimed to reflect on ethnic-racial and gender issues from a humanist perspective. The methodology used hereby was the analysis of the film in relation to the bibliography studied. The results demonstrate the richness of films as mechanisms that generate critical thinking at higher education.

Keywords: Teaching; Higher education; Cinema; Ethnic-racial issues.

Introdução

Este artigo foi pensado a partir das aulas na disciplina de “Tópicos I: Ensino e Valorização da Diversidade”, do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL), da Universidade Federal do Tocantins – UFT, campus de Araguaína. Este escrito coletivo se colocou, também, como um dos pré-requisitos para a aprovação em tal disciplina.

Este trabalho tem caráter exploratório e parte da utilização de bibliografia coerente com nossa discussão na disciplina e de parte da bibliografia lida durante o curso. Relatamos nossas impressões sobre o filme *A cor púrpura* e suas vantagens educativas para utilização nas instituições de ensino (da educação básica à superior).

Buscamos, com este artigo, pensar práticas que suscitem abordagens sobre a utilização dos filmes que abordam temas étnico-raciais relevantes de serem discutidos e seu uso na educação, já que a exibição de um filme necessita de pouco suporte material e pode

ser uma forma de refletir sobre questões históricas, culturais, estéticas e sociais relevantes.

Podemos, ainda, afirmar que tal filme em si não tem sentido sem uma análise crítica, já que ele carrega sinais marcadamente históricos e sentimentais. Também, ele pode ser inserido num contexto estudantil específico, onde pode ganhar sentidos novos e enriquecer os estudantes de conhecimentos sobre negritude, poder, história das Américas, machismos, papel da mulher na sociedade, entre outros pontos relevantes.

A cor púrpura e seu uso na educação

O filme *A cor púrpura* foi baseado no livro da escritora estadunidense Alice Walker, publicado em 1982. Tal livro ganhou o prêmio Pulitzer de 1983 e o *American Book Award* e foi filmado por Steven Spielberg em 1985. A narrativa do filme é baseada em uma cidade do estado da Georgia (sul dos Estados Unidos) e se desenrola a partir de 1906.

Pensando na utilização de filmes no ambiente educacional, podemos dizer que o cinema traz inúmeras possibilidades interdisciplinares, deixando o ambiente escolar ser impregnado por novas formas discursivas (visuais, sonoras, imagéticas etc.), como nos diz a professora Eliana Yunes (2013):

Com o cinema surge o esforço humano por uma nova linguagem, ou seja, um novo discurso de significantes, signos e símbolos, de natureza estritamente visual, não necessariamente redutíveis ao verbal, na outra ponta da relação saber o mundo, crer o mundo, imaginar o mundo, os modos de ver e ler, ou seja, naquilo que o simples olhar não se submete aos modos humanos, aí ditos culturais, de ver. (YUNES, 2013, p. 20)

Esse discurso audiovisual, que podemos utilizar na educação, pode nos ajudar a fomentar múltiplos pensamentos criativos e críticos, angariando conhecimentos culturais diversos para os estudantes de todas as idades. Conforme nos informa Marcos Napolitano (2003):

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. Assim, dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e “difíceis”, os filmes têm sempre alguma possibilidade para o trabalho escolar. (NAPOLITANO, 2003, p. 11-12)

Longe de ser uma fantasia, Spielberg lançou o seu olhar sobre a realidade humana. Aliás, o filme desnorteia-nos, pois revela o quanto sofremos por falta de humanidade. Precisamos evoluir muito ainda para podermos aceitar o outro pelo que ele realmente é o não pelo que ele nos parece ser. Compreender o valor do outro foi um dos focos de nossa disciplina.

Também, sabemos que historicamente foi relegada à mulher, através da opressão excessiva da sociedade machista, um lugar secundário nos espaços sociais. À mulher sempre foi atribuído o papel do ser inferiorizado, dominado. Censuradas, as mulheres eram vistas como seres para a procriação e os afazeres domésticos, de modo que pudessem garantir os desejos e necessidades dos homens, “verdadeiros” acumuladores de poder.

Todavia, as mulheres sempre lutaram a fim de conquistar seu espaço e demonstrar suas capacidades, objetivando visibilidade enquanto sujeitos ativos na história sociocultural da humanidade. O professor Wallace Rodrigues (2015) nos fala sobre a importância dos papéis femininos (os mais relevantes) em tal filme:

[...] a mulher negra, apesar de abolida a escravidão, ainda era maltratada, usada ao mesmo tempo como escrava e objeto sexual, submetida aos abusos masculinos do pai e de marido. A presença de Oprah Winfrey (como Sophia) no filme, uma grande defensora dos direitos das mulheres negras, reforça o caráter feminino desta produção cinematográfica. Os personagens masculinos do filme são apagados e desrespeitosos em oposição às personagens femininas. As mulheres do filme são doces, talentosas e trabalhadoras. (RODRIGUES, 2015, p. 63)

Ainda, o filme conta uma linda história linda e marcante, com cenas fortes, onde retrata várias formas de violência contra as mulheres. A história se passa no século XX e tem como protagonista Celie (interpretada por Whoopi Goldberg), uma jovem negra, pobre e que

sofreu violência desde criança. Ela era estuprada pelo pai e se tornou mãe de duas crianças, mas foi separada delas quando nasceram, pois o pai as doou. Celie sofria violência física e psicológica, além de ser estuprada, era o tempo todo chamada de feia. Ao ser dada em casamento para Albert, continua seu sofrimento, era escravizada, usada, humilhada e ainda apanhava.

No meio de toda essa tristeza e sofrimento, existe uma relação de amor, o amor de duas irmãs. Enquanto crianças, elas haviam feito um juramento de que só a morte as separaria. Nessa época, Celie era “feliz”, sorria com sua irmã durante as poucas brincadeiras que faziam juntas. Só que essa alegria também foi retirada da sua vida. Albert (interpretado por Danny Glover) expulsou Nettie (interpretada por Akosua Busia) de casa. Acreditamos ser esta a cena mais comovente do filme, chega a doer o coração de quem a assiste. A partir daí, o sofrimento de Celie aumenta, nem sequer as cartas que sua irmã prometeu escrever, seu marido deixava que chegassem a suas mãos.

Sua história só começa a mudar a partir do momento em que conhece Sophia (interpretada por Oprah Winfrey), mulher do seu enteado, e Shug (interpretada por Margaret Avery), amante do seu marido. Essas eram duas mulheres fortes e decididas que, de uma forma ou de outra, conseguem abrir os olhos de Celie e mostrar a ela uma luz no fim do túnel.

Em um momento de distração de Albert, Shug pega a correspondência da caixa de correios e encontra uma carta de Nettie. Celie lê a carta e sai à procura das outras cartas que Albert tinha interceptado. Ao encontrá-las, seus dias passam a ser mais felizes com a leitura destas cartas. A partir desse momento, Celie decide ir embora com Shug.

A história é centrada na personagem principal, Celie, que representa todas essas minorias numa só protagonista. Celie é uma figura multifacetada, que, à primeira vista, parece ser uma menina simples de 14 anos, mas que, ao longo da sua trajetória, evolui em sua luta pessoal na busca de sua independência e identidade pessoal, como uma pessoa completa e dona de seus próprios pensamentos, suas opiniões e seus direitos.

Ainda, o filme ressalta diversas questões acerca das relações étnico-raciais provenientes de uma sociedade dominadora e preconceituosa. Apresenta também aspectos nos âmbitos da cultura, da sociedade e da política que nos causam indignação, principalmente no que se refere à figura da mulher naquela sociedade, em especial a mulher negra.

Em contraponto ao filme, podemos observar que ainda vivemos em uma sociedade que exclui, seja em relação à raça, cor e classe social. Verificamos, também, que a situação histórica da mulher negra sempre foi esquecida. A mulher negra vem carregando estereótipos de sexual, preguiçosa, suja, entre outros, desde o período colonial. No entanto, esses estereótipos foram criados para naturalizar as relações assimétricas de poder entre negros e brancos, masculino e feminino. Tais estereótipos buscam legitimar a imposição do sistema de poder dos brancos em relação aos negros.

Nesse sentido, destacamos a dominação masculina vivida pela protagonista do filme, primeiramente pelo próprio pai, com a violência de estupro, e, logo depois, com a figura do marido opressor que ele não escolheu.

Podemos verificar, também, que esse filme nos apresenta situações do cotidiano, principalmente sobre as questões das adolescentes, muitas vezes vítimas de incesto forçado dentro do próprio ambiente familiar. Vale lembrar que a desvalorização da mulher negra está ligada, muitas vezes, ao silenciamento de seus problemas. E vários desses problemas estão ligados à submissão aos caprichos masculinos e à visão masculina das mulheres enquanto objetos.

Sendo assim, asseveramos que tais reflexões são cruciais para depreendermos pensamentos significativos acerca da situação das mulheres negras ao longo da história. Entendemos que o filme nos convida a um diálogo desafiador diante dos preconceitos e da dura vida de algumas pessoas.

Vemos que, através do uso de filmes em sala de aula, podemos desenvolver a observação crítica dos estudantes, buscar sentidos para a compreensão da obra cinematográfica exibida e aprender sobre conteúdos históricos, culturais e sociais.

Ainda, podemos verificar que as imagens cinematográficas são uma forma de estratégia de descrição (mesmo que apresentadas de forma “caótica”) e uma busca de apreensão momentânea das coisas sensíveis e humanas.

Verificamos, também, que “A cor púrpura” é um filme que proporciona aos espectadores uma oportunidade de vislumbrar as experiências, dificuldades e injustiças experimentadas no dia a dia por membros de diversas minorias oprimidas pela sociedade majoritária. Cada personagem do filme representa uma combinação dessas minorias, sejam os pobres, os negros ex-escravos, as mulheres ou os homossexuais.

Sabemos que o olhar coletivo, aquele formulado e imposto pela sociedade, é carregado de ideologias, ideias equivocadas tidas como corretas, sagradas e intocáveis, que moldam as chaves de leitura do que chamamos de realidade. Nesse sentido, Celie, marcada pela violência, explorada física, sexual e psiquicamente, também não consegue se perceber com os próprios olhos. Ela aceita a condição na qual se encontra, mesmo que, em certos momentos, tente criar coragem para acabar com seu algoz, que também era negro, mas com posses.

Celie, como a maioria das mulheres negras da sociedade de seu tempo, não consegue vislumbrar o valor do seu ser. E a única força capaz de libertá-la de seu cárcere é a força do amor. E será justamente sua irmã Nettie que revelará isso ao dizer que “tudo no mundo só quer ser amado”. Neste sentido, a única coisa que Celie queria era ser aceita por ser quem ela era: uma mulher negra, digna, honesta e sofrida.

Podemos observar na história de Celie a evolução de uma mulher que, apesar de sua posição enquanto uma mulher negra, pobre e humilhada, finalmente supera todas as barreiras impostas a ela. As experiências de Celie levam os espectadores numa jornada caracterizada pelas atribulações provenientes dos temas de gênero, raça, sexualidade e cultura. Os aspectos e realidades da cada um desses temas se entrelaçam e se influenciam nas experiências de Celie e das demais personagens.

A trajetória da Celie é triunfante no final e, através dos sofrimentos, dificuldades e horrores que ela atravessa ao longo do filme, o espectador tem a chance de colocar-se no

lugar de uma pessoa reprimida, justamente por tudo que ela é. Talvez, através das cenas fortes e marcantes do roteiro, o espectador consiga desenvolver empatia, não somente com a figura de Celie, mas também com todas as minorias que ela representa e as suas dificuldades hoje em dia. Ou seja, podemos dizer que esse filme é uma história alegórica universal.

Os anos trinta do século XX, nos Estados Unidos, foram um momento em que a maioria dos negros ainda não havia conquistado direitos civis e vivia em condições pouco diferentes dos tempos de escravidão. O único membro da sociedade que valia menos que um homem negro era uma mulher negra. Numa sociedade onde os linchamentos frequentes na região sul do país e em outras partes eram comuns, havia pouco ou nenhum recurso ou apoio do Estado para as mulheres negras que sofriam assédio ou abuso sexual por parte dos homens brancos ou/e negros.

A posição de mulher negra e pobre era (e hoje ainda é) a posição mais baixa da sociedade norte-americana, e essa era uma realidade exemplificada pelas experiências de Celie. Ela sofre desde a infância nas mãos dos homens que a controlam; ela é tratada como propriedade, um animal que existe só para que os homens se aproveitem do seu corpo para fins sexuais e laborais, nunca considerando por um momento que ela tem sentimentos ou opiniões próprias.

Aos 14 anos, Celie já havia sofrido a perda de dois filhos do próprio pai, que sequer perguntou o que ela queria para seus filhos, negando a ela seus direitos como mãe. Esse acontecimento dá início a uma série de eventos trágicos. Ela sofre, primeiro, com o pai e depois, ao longo dos anos do casamento, com o marido.

Sem direito ao próprio corpo e sexualidade, Celie é tratada como uma escrava, forçada a suportar a violência, os caprichos e os difíceis filhos do marido. Mas o momento de mudança dessa realidade vem com a chegada da amante do marido, Shug Avery. Em vez de sentir ciúmes de Shug, Celie sente admiração por ela e é inspirada por sua autonomia e independência da cantora de jazz. Essa reação inesperada representa uma fase importante na evolução de Celie, pois é somente através do olhar de uma outra mulher que ela

consegue sentir felicidade e amor-próprio. E Shug não é uma mulher qualquer, pois ela é independente, livre, feliz e compartilha essa felicidade com Celie. Tal relação floresce como um amor romântico entre as duas.

A influência e o amor de Shug são os primeiros passos para Celie recuperar sua autoestima e sair do controle e opressão dos homens de sua vida. Mesmo que a expressão dos sentimentos homossexuais a colocassem em uma posição ainda mais inferior e arriscada na sociedade tão conservadora, Celie encontrou o amor verdadeiro somente nos braços de uma outra mulher, talvez expressando a ideia de que as mulheres, nessa história, só podiam confiar nas outras mulheres, em se tratando de questões emocionais.

Outro tema principal do filme é a posição dos negros nos Estados Unidos durante os anos trinta e os efeitos tardios da escravidão sobre descendentes dos escravos. Para além das questões de gênero, os negros no filme são retratados como subalternos e subordinados às personagens brancas que aparecem no filme, refletindo a verdadeira realidade dessa época nos Estados Unidos. Quem ousava desafiar essa rígida estrutura social sofria as consequências de seus atos, como pudemos observar na história da personagem Sophia. Sophia, uma mulher forte e determinada, que deixa o marido em vez de ser espancada por ele, ultrapassa os limites da sua posição enquanto mulher negra e dá um tapa na cara do prefeito, um homem branco e com todo o poder para fazê-la pagar a consequência de tal ato. Sophia, que até esse momento, era uma figura forte e que não se submetia aos caprichos masculinos, pagou o preço pela violação da lei suprema do país: o negro vale sempre menos que o branco. Em contrapartida à trajetória de Celie, que ao longo do filme ganha mais e mais independência, Sophia acaba perdendo sua liberdade e seu espírito livre após de ser presa por essa transgressão. As ações de Sophia representam os limites da sociedade da época: a mulher negra até poderia desafiar a posição de um homem negro, mas, em nenhuma hipótese, um negro poderia desafiar um branco, menos ainda sendo uma mulher negra.

Um outro aspecto em relação aos negros nos Estados Unidos nessa época vem com a história da irmã de Celie, Nettie. A personagem de Nettie é a figura que mais representa a

esperança para Celie. Nettie, depois de fugir da casa de Celie e dos futuros abusos inevitáveis, é adotada por um casal de missionários que a levam (junto com os filhos perdidos de Celie, que também tinham adotado) para África numa missão religiosa. Nettie e os filhos de Celie têm uma vida livre e de liberdade, vivendo sem opressão dos brancos, estudando e aprendendo uma outra língua e cultura, que talvez fosse a cultura originária dos seus antepassados escravos.

Hoje em dia, muitos negros norte-americanos não possuem registros genealógicos de seus antepassados, porque quase todos os traços dos povos africanos originários dos escravos foram apagados propositalmente pelos proprietários. Tais donos de escravos, muitas vezes, separaram famílias inteiras e grupos de escravos que falavam a mesma língua, forçando-os a utilizarem o inglês para conversarem entre si.

A trajetória pessoal de Celie retratada no filme *A cor púrpura* mostra aos espectadores uma diversa e dolorosa série de eventos que a transformam no final. A sua transição, de uma menina inocente e abusada sem nenhum traço de confiança ou autoestima, para uma mulher independente e dona de sua própria casa. Também, livre do seu marido abusivo. Sua história é um triunfo compartilhado com os espectadores do filme, encorajando-os a desenvolver empatia para com sua personagem principal e também para todas as minorias que ela representa.

Infelizmente, o livro *A cor púrpura*, ganhador do Prêmio Pulitzer de 1983, está entre os livros mais polêmicos dos Estados Unidos, e por este motivo, foi pouco utilizado nas escolas públicas norte-americanas. Dada a situação racial tensa nos Estados Unidos, a oportunidade de desenvolver empatia para com as minorias, como as representadas principalmente por Celie, parece ser uma experiência extremamente necessária para a população norte-americana.

Ainda, lembramos que a própria cor púrpura parece ser uma metáfora para a cor negra, como um eco para a negritude representada no filme. Isso pode ser percebido no próprio título do filme. Se a cor púrpura pode ser vista como um vibrante vermelho escuro, tendendo para o roxo, também as flores dos campos, por onde brincavam as irmãs Celie e

Nettie, eram púrpura. Isso nos deixou perceber um sentido de suavidade, de beleza e de leveza à negritude apresentada. O vermelho-escuro também pode nos levar a pensar em sangue, em feridas e nos sofrimentos dos negros escravizados de ontem e de hoje.

Ainda, pensando na utilização do cinema na educação, de acordo com Napolitano (2003), devemos ter objetivos claros na utilização de filmes no ambiente educativo, conforme nos informa na passagem abaixo:

Tenha em mente um conjunto de objetivos e metas a serem atingidas, procurando aprimorar os instrumentos de análise histórica e fílmica. Sugerimos que o uso do cinema na sala de aula seja sistemático e coerente, e isso implica que os filmes sejam articulados entre si, sobretudo quando o espírito da atividade é a análise do filme como linguagem e fonte de aprendizado, mais do que catalisador de discussões. (NAPOLITANO, 2003, p. 79).

Também, devemos lembrar de adequar cada filme para uma determinada audiência. No caso do filme *A cor púrpura*, cenas de homossexualidade, embriaguez e violência podem ser deturpadas de seu sentido por estudantes despreparados para lidarem com elas. Nielson Modro (2006) nos diz que:

Um dos maiores problemas na escolha de um filme é diretamente relacionado à censura do mesmo. Por vezes alguma cena que contenha nudez (ainda que muito sutil), violência (mesmo que menor que o que vemos nos jornais diários), palavras de baixo calão (até aquelas que sejam conhecidas e utilizadas por todos que estejam vendo ao filme) e coisas do gênero podem gerar transtornos significativos caso não haja um trabalho adequado de preparo em relação ao filme. Acredite, uma cena dessas, ainda que contenha apenas um minuto, pode ser a que mais será lembrada em um filme de 150 minutos. Assim, é necessário, sempre, assistir anteriormente ao filme, selecionar o que será trabalhado, e, previamente alertar e preparar o público para o que será assistido. Portanto a regra é: adequar filmes a espectadores que tenham o discernimento e maturidade adequada aos mesmos. Desta forma serão evitados maiores inconvenientes posteriores. (MODRO, 2006, p. 12).

Vale lembrar que a utilização de filmes no ambiente educacional deve ser uma metodologia auxiliar às discussões que ocorreram na sala de aula. As obras audiovisuais se colocam, portanto, como instrumentos para fomentar discussões críticas e questionamentos

válidos. Conforme Modro:

Utilizar filmes, como recurso auxiliar, é uma forma de enriquecer a aula, mas nunca de ser um substituto do professor. Trata-se apenas de algo que pode complementar a aula, de forma agradável. Cada professor é responsável por sua aula e cabe a ele definir qual o melhor caminho para que seus objetivos sejam alcançados plenamente. (MODRO, 2006, p. 127).

Segundo o professor Wallace Rodrigues (2014), o cinema pode nos ajudar a compreender quem somos, pois sempre nos comparamos com os personagens e seus dramas que vemos nas cenas cinematográficas.

A interpretação e a representação do mundo através do cinema nos serve, enquanto brasileiros, para o fortalecimento dos processos de identidade e cidadania, garantindo um senso reflexivo e crítico sobre o que somos, como somos, quem somos, quem queremos ser e como o faremos para sê-lo. (RODRIGUES, 2014, p. 271)

Para tanto, é necessário que os alunos sejam alfabetizados em várias linguagens, e a exibição de filmes e a discussão crítica sobre eles podem ajudar numa alfabetização audiovisual. A arte-educadora Ana Mae Barbosa (1995) nos informa sobre nossa necessidade de alfabetização em várias formas de linguagens:

Nosso problema fundamental é alfabetização: alfabetização letral, alfabetização emocional, alfabetização política, alfabetização cívica, alfabetização visual. Daí, a ênfase na leitura: leitura de palavras, gestos, ações, imagens, necessidades, desejos, expectativas, enfim, leitura de nós mesmos e do mundo em que vivemos. Num país onde os políticos ganham eleições através da televisão, a alfabetização para a leitura da imagem é fundamental e a leitura da imagem artística, humanizadora (BARBOSA, 1995, p. 63).

E sabemos que no Brasil atual há mais de 13 milhões de analfabetos e não só alfabetizar, mas letrar os estudantes é, também, necessário. Enquanto letramento, entendemos tal conceito a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) da Língua Portuguesa para a Educação Fundamental, que nos informam o seguinte:

Letramento, aqui, é entendido como produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia. São práticas discursivas que precisam da escrita para torná-las significativas, ainda que às vezes não envolvam as atividades específicas de ler ou escrever. Dessa concepção decorre o entendimento de que, nas sociedades urbanas modernas, não existe grau zero de letramento, pois nelas é impossível não participar, de alguma forma, de algumas dessas práticas (BRASIL, 1997, p. 21).

Além disso, uma obra fílmica como *A cor púrpura*, com grande carga étnico-racial, feminina e colonialista, nos deixa desenvolver com nossos estudantes o entendimento do conceito de letramento racial. Tal conceito leva em conta nossas práticas sociais de leitura e escrita num caminho que leve ao entendimento da criação dos estereótipos em relação aos negros na sociedade brasileira. Neide de Almeida (2017) nos diz que:

O conceito de letramento supõe, portanto, uma dimensão política. Afinal, se não há neutralidade nas práticas de ensino, ao decidir o que ensinar e como atuar nesse processo, poderemos nos comprometer com a legitimação ou com a transformação dos nossos currículos, dos livros didáticos, do que constitui e como são organizadas nossas escolas, bibliotecas, museus. Em síntese, é preciso implementar outras perspectivas, construir novas formas de olhar, de entender e de significar nossa história e nossas identidades. Você já ouviu falar em letramento racial? Sabe o que é e como se faz? Esse conceito remete à racialização das relações, ou seja, o estabelecimento arbitrário de direitos e lugares hierarquicamente diferentes para brancos e não-brancos, que legitima uma pretensa supremacia do branco. Portanto, o racismo pode (e precisa) ser desconstruído, combatido, o que implica necessariamente lutar para que todos sejam efetivamente reconhecidos como cidadãos e que tenham de fato seus direitos garantidos. (ALMEIDA, 2017, s/p)

Nesse sentido, a utilização de filmes pode nos ajudar a informar aos estudantes sobre a racialização das relações sociais no Brasil (e em outros lugares das Américas) e como elas influenciam as decisões tomadas em todos os níveis, já que os estereótipos sobre os negros (ex: preguiçosos, pobres, bandidos, sujos, não civilizados, menos capazes etc.) parecem tomar força de verdade numa sociedade dominada por brancos. Acreditamos que essas iniciativas ajudam a diminuir o racismo dentro dos ambientes educacionais e a compreender a riqueza que a diversidade pode nos trazer.

Considerações finais

Este texto buscou dar um exemplo de como o filme *A cor púrpura* pode ser utilizado em educação. Deixamos ver somente algumas possibilidades reflexivas sobre seu uso, mas outras mais interessantes e mais instigantes podem surgir a partir de sua exibição e discussão em sala de aula.

Verificamos, ainda, que mesmo sendo uma história do século passado, encontramos várias semelhanças com os dias atuais, já que a sociedade brasileira está repleta de relações patriarcais, hierarquizadas, onde a violência ainda se faz presente, seja física ou psicológica, e onde a mulher continua lutando por espaço e por direitos iguais. Um filme como esse nos leva a variadas reflexões comparativas e nos traz aprendizados. Pudemos verificar que *A cor púrpura* não é um filme com uma história “bonita”, mas que, apesar de tantas tristezas e sofrimentos retratados, é um filme com um final digno e feliz. Celie se reencontra com sua irmã e seus dois filhos, deixando ver um momento de forte emoção e de esperança de recomeçar.

O filme retrata uma história preconceituosa de racismo, machismo, autoritarismo e violência contra a mulher, o que, por mais absurdo que seja, acontece até os dias de hoje. Apesar de a história ser de uma mulher americana, guarda grande semelhança com a cultura brasileira, na qual, mesmo após a abolição da escravatura, a mulher negra continuou sendo tratada como subalterna, sofrendo variadas espécies de preconceitos e violência. O filme demonstra que a mudança tem que começar das próprias mulheres para se vencer um sistema preconceituoso. Tais mulheres precisam erguer a cabeça e enfrentar o sistema, fazendo valer seus direitos.

Todavia, em razão de muitos fatores, como por exemplo, medo, falta de condições financeiras, baixo grau de conhecimentos, muitas mulheres não têm coragem de enfrentar os preconceitos, o machismo, o autoritarismo e a violência, e acabam se submetendo a uma vida de opressão. Porém, esse sistema deve ser enfrentado, um passo importante para tal

feito é o esclarecimento e o empoderamento das mulheres. Vale lembrar que temos leis que garantem a igualdade entre homens e mulheres, reprimindo o racismo e a violência. Contudo, para fazer valer esses direitos, é necessário abolir a cultura do silêncio e da opressão.

Outro ponto para refletir seria sobre a participação da mulher enquanto fundamental na construção do processo histórico que vivemos. Barreiras de preconceito foram historicamente rompidas pelas mulheres, levando a uma visibilidade da mulher como importante sujeito ativo na história das sociedades ocidentais.

Para finalizar, podemos afirmar que o filme nos ajuda a compreender que o fechamento em relação ao conhecimento do “outro”, do diferente de mim, pode trazer o empobrecimento intelectual, afetando nosso próprio conhecimento de mundo. Nesse sentido, o filme exige dos telespectadores uma tomada de decisão, instigando-os a entender, a refletir e a desconstruir o problema do racismo e da violência contra as mulheres.

Referências bibliográficas

A COR PÚRPURA. Direção: Steven Spielberg. Produção: Steven Spielberg; Kathleen Kennedy; Quincy Jones; Frank Marshall. Estados Unidos: Amblin Entertainment; Guber-Peters Company; the Warner Bros, 1985. (154 min).

ALMEIDA, Neide A. de. **Letramento racial: um desafio para todos nós.** IN: Geledés – Instituto da mulher negra. De 28Out2017. Disponível em < <https://www.geledes.org.br/letramento-racial-um-desafio-para-todos-nos-por-neide-de-almeida> >, acesso em 30Out2017.

BARBOSA, Ana Mae. Educação Pós-colonialista no Brasil: Aprendizagem Triangular. **Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 21, p. 59-64, jan./abr. 1995.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília: MEC/SEF, 1997.

MODRO, Nielson Ribeiro. **Cineducação 2: usando o cinema na sala de aula.** Joinville: UNIVILLE, 2006.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

RODRIGUES, Wallace. Tropicalismo e identificação nacional: Cultura da sociedade brasileira através do cinema. IN: **Linguagens – Revista de Letras, Artes e Comunicação**. FURB, Blumenau, v. 8, n. 3, pág. 263-272, 2014.

RODRIGUES, Wallace. Analisando obras de artes visuais pela via do pós-colonialismo. IN: **Revista Didática Sistemática**. FURG, Rio Grande, v.17, n.2, pág.58-69, 2015.

YUNES, Eliana. **Leitura pelo olhar do cinema**. São Paulo: Editora Reflexão, 2013.